

Kissinger dá desconto para falar no Brasil

24 JUN 1987

CORREIO BRAZILIENSE

ALEX SOLNIK
Colaborador

São Paulo — O que Henry Kissinger veio fazer no Brasil? Ganhar um dinheiro, que ele não é de ferro. Por duas conferências — uma no Rio e outra em São Paulo — ele faturou 50 mil dólares, uma verdadeira pechincha, pois ele costuma cobrar 50 mil dólares por apenas uma. Fez desconto especial em homenagem ao seu amigo brasileiro, Israel Klabin.

Mas a conta (paga pela Associação Brasileira de Administração de Material (Abam), foi bem maior, devendo beirar 100 mil dólares. Kissinger exigiu passagens de primeira classe e hospedagem cinco estrelas para ele e a mulher, além de um minitour pelo País. Exigiu também cobertura de dois seguranças, 24 horas por dia.

Ontem, para justificar o seu cachê ele fez duas apresentações em São Paulo, no Hotel Mofarrej Sheraton. A primeira foi a conferência, para 80 espectadores (que pagaram entre Cz\$ 17.500 e Cz\$ 24.800), de uma hora e meia de duração chamada "A Dívida do Terceiro Mundo e Perspectivas para América Latina", com início às 10 da manhã; às 2 da tarde, ele deu uma entrevista coletiva, a qual adorou: houve jornalista inscrito que nem lhe fez pergunta; ninguém fez nenhuma pergunta agressiva e os dois seguranças não tiveram absolutamente nada para fazer.

A fim de baixar a poeira dos bochichos de que o plano que propõe para atenuar os problemas dos países credores seja idéia do governo ou dos bancos americanos, ele deixou bem claro que falava apenas em seu

próprio nome, na condição de ex-secretário de Estado. Durante a palestra ele tratou de consolar os brasileiros, afirmando que mais dia menos dia os Estados Unidos também terão que se submeter ao FMI, o que significa adotar os três mandamentos sagrados da instituição: redução de importações, aumento de exportações e corte no déficit público.

"O Brasil está na recessão," disse Kissinger, "e tem dificuldades para pagamento dos juros, mas suas perspectivas são boas desde que a economia mundial se expanda e os credores percebam as modificações que ocorrem". Um discurso muito parecido ao do ex-ministro Dilson Funaro, principalmente quando Kissinger afirma que os países industrializados "têm que ter um compromisso com o crescimento dos países devedores".

Kissinger, no entanto, disse desconhecer detalhes da negociação do ex-ministro da Fazenda, feita no ano passado.

"O momento mais importante da conferência foi, sem dúvida, a exposição sobre o "Plano Kissinger" — que ele próprio não gosta de chamar assim — e que compara ao Plano Marshall, do pós-guerra.

O Plano Kissinger consiste em emprestar 30 bilhões de dólares por ano, durante cinco anos, rateados entre os países devedores, a juros fixos, que não se alterariam mesmo que subisse a libor. Os recursos viriam de três fontes: 1/4 dos bancos credores; 1/4 de instituições bancárias e 1/2 dos governos dos sete países ricos.

Quanto a dinheiro novo, ele disse que está muito difícil: "Não é fácil conse-

guir dinheiro novo agora porque todo mundo está querendo", observou. Kissinger não justificou a fama de "duro" que ganhou quando foi secretário de Estado dos EUA. Desta vez, ele não está recomendando soluções radicais nem pregando regimes austeros para o Terceiro Mundo. Ao contrário: disse que "não é mais possível impor aos países devedores regimes de austeridade por um prazo indefinido, porque a situação política não permite".

As medidas de austeridade, ressaltou, não devem ser impostas pelos países credores, e sim elaboradas pelos próprios devedores. Ele acha que hoje há um clima de ameaça nas relações entre credores e devedores, mas que não passarão das ameaças:

"Os devedores ameaçam com a inadimplência, o que afasta os investimentos estrangeiros, enquanto os credores ameaçam com pressões legais, como o confisco de bens; mas nem credores nem devedores farão nada disso. Não passam de ameaças vazias". Hoje, Kissinger abre, no Rio, o VI Congresso Mundial de Administração de Material. A Abam, que trouxe Kissinger ao Brasil, congrega 400 empresas e 6 mil pessoas físicas. Participam da associação praticamente todas as grandes empresas, pois todas precisam administrar, como Klabin, Villares, Ford, Caterpillar, etc.

A estada de Kissinger em São Paulo foi absolutamente tranqüila sem nenhuma manifestação hostil. O clima era tão descontraído que, após a coletiva, Kissinger foi conversar numa rodinha, com jornalistas. Percebendo três barbudos no grupo, ele brincou: "Oitenta por cento dos jornalistas brasileiros são barbudos". Um dos barbudos, no entanto, disse ser americano, outro inglês, e o terceiro, russo. "Bem, então 60 por cento são barbudos", corrigiu Kissinger.